

ABORTO: DESCRIALIZAR PARA PREVENIR

Sonia Fleury¹

Desde que o Ministro da Saúde abriu o debate sobre o tema do aborto a imprensa e alguns setores da sociedade têm tentado reduzir o âmbito desta discussão à pergunta sobre se o Ministro, ou o governo, ou quem quer que seja, é a favor ou contra o aborto. Mas, alguém pode ser a favor do aborto? Impossível. Esta é uma situação de sofrimento e de dor para as pessoas envolvidas e ninguém pode desejar que ela ocorra ou criar medidas que a favoreçam.

No entanto, é cínico assumir que se mantivermos a proibição atual estamos combatendo o aborto e podemos, assim, ir dormir tranquilos porque as jovens brasileiras estão a salvo desta prática criminosa. Se tomarmos em conta o dado apresentado pelo Ministério da Saúde, de ocorrência anual de mais de 200 mil curetagens como consequência de abortos mal sucedidos, temos que a evidência de que a mera proibição é completamente ineficaz como medida preventiva.

Eu pergunto a aqueles que querem impedir o debate: o que a sociedade brasileira ganha com este silêncio, além do ocultamento da dramática realidade vivida, a cada dia, pelas milhares de jovens que, por diferentes motivos, são levadas a praticá-lo?

Seriam capazes de responder a perguntas tão importantes para a prevenção da prática do aborto como: quantos são os abortos praticados, hoje? Quais são os profissionais que os praticam? Em que condições são praticados? Quantas jovens morrem hoje por complicações decorrentes do aborto? Quantas ficarão impedidas de procriar quando o desejarem?

Sejamos realistas: não se pode combater e prevenir aquilo que se desconhece, apenas com a criminalização desta prática, que, sabemos todos, raramente resulta em punições. Mesmo que as jovens possam ter acesso a informações e métodos contraceptivos, sabemos que, apesar disso, muitas gravidezes indesejadas acontecem. O que ocorre, neste caso, em

¹ Doutora em Ciência Política, Presidente do CEBES (Centro Brasileiro de Estudos de Saúde) e professora da FGV.

um país onde a prática do aborto é um crime e em outro país, onde o aborto foi descriminalizado?

No país onde é crime, esta jovem estará privada de uma informação confiável sobre condições de segurança e qualidade, e do acesso a serviços públicos. Isto impedirá que o aborto seja praticado? Infelizmente, a realidade nos diz não. Se esta jovem for rica, ela poderá ser melhor atendida em serviços privados. Se ela for pobre, terá que buscar meios de arranjar o dinheiro para comprar o remédio abortivo (vendido em camelôs) ou submeter-se a um “profissional” que atua em condições precárias e insalubres, ambos os procedimentos podendo colocar em risco sua vida.

Em um país onde o aborto não é considerado crime, a situação é outra, o que não quer dizer que seja favorável ou estimulante da sua prática. Ao contrário, a jovem grávida será atendida por profissionais competentes, com apoio psicológico, social e médico, que discutirão com ela as razões pelas quais ela foi levada a pensar em abortar. Não seria uma exigência do namorado, ou dos pais? Nestes casos, a jovem passa a ter na equipe do serviço de saúde um apoio para rever sua decisão frente às pressões familiares. Também são consideradas as condições emocionais e econômicas da jovem, buscando demonstrar-lhe suas reais possibilidades de manter a gravidez.

Finalmente, são discutidos os aspectos morais, relativos à interrupção de uma gestação e as conseqüências disto na personalidade e caráter desta jovem. São estes cuidados e atenções que fazem que, muitas jovens tenham condições de rever sua decisão inicial. Mas, qualquer que seja sua decisão, esta será muito mais madura e, portanto, prejudicará menos sua vida.

Digam-me, sinceramente, em qual dos dois países estão sendo tomadas medidas para prevenir o aborto?